

A VOZ E A VEZ DA CRIANÇA

BNCC E AS EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA DA INFÂNCIA



Um projeto educacional que dá voz à criança.

A Voz e a Vez da Criança: A BNCC e as Multilinguagens da Infância

1. A EDUCAÇÃO INFANTIL

A primeira infância constitui um período fundamental para o desenvolvimento infantil. Pesquisas demonstram que uma Educação Infantil de qualidade tem forte impacto no alcance do desenvolvimento positivo na adolescência e na vida adulta. Ela pode impactar no sucesso da trajetória escolar dos indivíduos, aumentando o aprendizado ao longo de sua escolaridade e promovendo melhores condições de saúde e desenvolvimento pleno na primeira infância – o que, por sua vez, tem impacto nas possibilidades de resultar em bem-estar social, evidenciando taxas de menor envolvimento com drogas e criminalidade, podendo ainda impactar em melhores condições de sucesso econômico.

Diversos elementos determinam a qualidade da educação infantil: recursos que possam facilitar as interações que devem ocorrer em um ambiente de aprendizado, envolvendo aspectos relacionados à infraestrutura, saúde, condições sanitárias e de segurança; características do grupo de crianças e dos educadores e cuidadores; frequência, tipo e qualidade das interações entre as crianças, entre as crianças e os adultos e entre os educadores e os familiares.

A presença de um currículo adequado à faixa etária, com propostas pedagógicas bem estruturadas e intencionalmente planejadas, consegue propiciar um ambiente estimulante e voltado para a participação ativa da criança, pois colabora para a garantia da intencionalidade na organização do tempo, dos espaços e dos materiais (brinquedos, materiais educativos, livros etc.) visando promover interações, aprendizagens e uma diversidade de vivências e experiências. É inegável que esses aspectos impactam positivamente a qualidade das aprendizagens e do desenvolvimento das crianças de 0 a 6 anos.

A Educação Infantil é lugar de brincar, correr, pular, comer, andar, dormir, alegrar-se e ficar triste, desenhar, interagir e conhecer a natureza e o mundo social, se arriscar a ler e escrever as primeiras palavras e aprender a interagir e usar os instrumentos culturais de nossa cultura. Esses são aspectos fundamentais em qualquer prática pedagógica efetivamente preocupada em garantir às crianças um processo pleno de desenvolvimento e aprendizagem.

2. A CRIANÇA

O Artigo 4º da Resolução n.5, de 17 de dezembro de 2009, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil (DCNEI), define a criança como “sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura”.

As crianças, em suas ações e interações com os outros e com o mundo físico, constroem e se apropriam de conhecimentos. Entender que as crianças, desde bebês, são sujeitos ativos e construtores de cultura, coloca em cheque muito do que se construiu ao longo de uma trajetória educacional voltada para a Educação Infantil. A criança é cidadã com direitos e deveres e, para crescer consciente disso, precisa de um espaço rico e desafiante em que possa desenvolver a autonomia, a responsabilidade, a solidariedade, o respeito ao outro (ética); a criatividade, a sensibilidade e a ludicidade por meio das diversas manifestações artísticas e culturais (estética); exercitar a criticidade e a cidadania (política). É preciso que ela tenha a oportunidade, desde muito pequena, para construir, reconhecer e valorizar sua identidade pessoal e, dessa forma, desenvolver a autoestima, base para a aprendizagem.

Para cumprir seu papel, a escola e os profissionais que nela atuam precisam ver a criança em sua complexidade, tendo em vista todos os aspectos: físicos, biológicos, psicológicos, cognitivos e sociais, respeitando seu processo de desenvolvimento e possibilitando espaço para construir, reconstruir e ampliar seus conhecimentos por meio da socialização, do lúdico e das experiências concretas. A prática pedagógica na Educação Infantil deve contemplar, portanto, a diversidade e a individualidade das crianças, em suas competências e possibilidades, buscando refletir as variações culturais e valorizando a heterogeneidade. Deve garantir também que, no cotidiano, as crianças possam viver experiências da vida real, iniciadas ou planejadas por elas mesmas ou integradas em ações iniciadas pelos adultos, que as permitam atribuir significados e assim, gradativamente, construir conhecimentos que as ajudem a dar sentido ao mundo. Valorizar os interesses das crianças e promover situações em que elas tomem iniciativa para colocar em prática sua curiosidade, buscar

respostas para as questões que se colocam, resolver problemas por meio de várias estratégias até encontrar aquela que mais se adequa são princípios importantes para garantir uma prática pedagógica que respeita a forma da criança ser e aprender sobre o mundo.

Toda criança aprende brincando e, quando lhe asseguramos esse direito, estamos dando-lhe a liberdade para criar, construir, pensar e repensar suas ações. É por meio das brincadeiras e da interação com outras crianças, adultos, experiências diversificadas e instrumentos culturais (livros, brinquedos, objetos etc.), que a criança, aprende, socializa e representa sua cultura, internalizando significados e adquirindo valores.

A construção de conhecimentos se dá a partir de experiências significativas e do interesse apresentado pela criança. Isso se concretiza com a utilização de práticas lúdicas que têm como base uma multiplicidade de linguagens: falar, pintar, escrever, modelar, ler, construir coisas, resolver problemas, dançar, raciocinar, cantar, expressar afetos por meio do corpo, do desenho, do olhar e com a participação nas diversas práticas sociais da escrita e da leitura do mundo. Dessa forma, a criança aprende a viver em sociedade, valorizando a si mesma e respeitando o próximo e o meio ambiente; constrói sua personalidade, desabrochando suas potencialidades e virtudes; descobre e conhece o próprio corpo e seus limites, valorizando hábitos de cuidado com a saúde e com o bem-estar; dá os primeiros passos para se tornar uma cidadã crítica e consciente de seus direitos e deveres, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração.

3. APRENDER E ENSINAR

A apropriação e a construção de conhecimentos pelas crianças na Educação Infantil acontecem por meio da participação delas em diferentes práticas culturais intencionalmente organizadas, nas quais elas interagem com adultos, outras crianças, ambientes, espaços e materiais.

As crianças aprendem e socializam, se apropriam e recriam práticas sociais, conforme interagem com diferentes parceiros nas ações com o ambiente da escola, nas explorações de objetos e elementos da natureza, nas brincadeiras de faz de conta e nas vivências com o patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico. Por meio dessas ações,

desde bebês, elas observam, levantam hipóteses, testam e registram suas primeiras “teorias”, constituindo oportunidades de apropriação e de participação em diversas linguagens simbólicas favorecidas pelos ambientes de aprendizagem garantidos.

É pela ação que os bebês e as crianças descobrem coisas sobre si próprios e sobre o meio (rolar, dar pontapé, cheirar, tocar etc.), expressam aquilo que estão descobrindo e sentindo (balançando a cabeça, fazendo caretas, entre outras possibilidades), interagem com adultos atentos e respondentes, com materiais interessantes e desafiadores. Assim, constroem uma bagagem de conhecimentos básicos sobre o modo como as pessoas e as coisas são, o que fazem e como respondem a determinadas ações.

Se entendemos a criança como ativa, curiosa, competente em sua aprendizagem dada pela ação, podemos especificar algumas condições fundamentais a serem consideradas na forma como organizamos as práticas pedagógicas para garantir uma aprendizagem efetivamente significativa para elas:

- Valorizar a competência das crianças, desde bebês, em tomar decisões e garantir as experiências de livre escolha: as crianças escolhem o que vão fazer, iniciam suas atividades, escolhem os materiais, decidem o que fazer com os materiais.
- Assegurar explorações ativas com materiais e brinquedos, valorizando a aprendizagem pela ação e a automotivação das crianças: ter nos diferentes ambientes da sala de referência materiais em quantidade suficiente para que as crianças possam usar de diferentes formas, além de adultos que encorajem as crianças a manipular livremente os objetos.
- Compreender que, nas explorações ativas das crianças, elas descobrem relações, transformam e combinam materiais, utilizam ferramentas e equipamentos, utilizam seu corpo.
- Valorizar e compreender que as crianças são competentes para fazer uso da linguagem e que, quanto maiores as possibilidades disso, mais aprendem e se desenvolvem: as crianças descrevem aquilo que estão fazendo, conversam sobre sua experiência, falam daquilo que estão fazendo usando suas próprias palavras.
- Proporcionar apoio às crianças em suas ações, reconhecendo e encorajando suas intenções, reflexões, resolução de problemas e

criatividade: os educadores fazem parceria com as crianças, tentam perceber suas intenções, ouvem e encorajam seus pensamentos, as incentivando a serem autônomas, a interagirem entre si mesmas, a fazerem suas próprias perguntas e a encontrar as respostas.

Hoje sabemos o quanto as crianças precisam de vivências que colaborem para a construção de experiências. Afinal, é a experiência de cada um que significativamente garantirá aprendizagens e o desenvolvimento singular e coletivo. Nesse sentido, pensar sobre como as crianças aprendem por experiência significa pensar sobre como o professor ensina; assim, considerar que a experiência da criança é determinante para sua aprendizagem é um excelente ponto de partida.

Segundo o filósofo espanhol, Jorge Larrosa Bonde, a experiência é aquilo que nos toca, que nos acontece. A informação por si só não é experiência, o saber de experiência não é o saber das coisas. Ele nos traz, além disso, que a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião, por falta de tempo, por excesso de trabalho. Essas concepções geram uma reflexão sobre o papel do professor na atualidade. Somente a partir de um profundo entendimento sobre quem são as crianças, suas necessidades e como aprendem é que se faz possível formular uma abordagem em que os educadores atuam garantindo o desenvolvimento e a aprendizagem da criança.

Assegurar relações de confiança é um elemento fundamental nesse processo. As interações com adultos em que confiam proporcionam às crianças a energia emocional de que elas precisam para realizar suas explorações no processo de descobertas sobre seu mundo físico e social. Nesse contexto, de acordo com a proposta da BNCC para a Educação Infantil, entendemos que o compromisso dos educadores está em observar e interagir com as crianças em seus modos de expressar e elaborar saberes. Com base nesse processo dinâmico de acolhimento dos saberes infantis os docentes selecionam, organizam, refletem, mediam e avaliam o conjunto de práticas e experiências proporcionadas às crianças em seu dia a dia.

Partindo do profundo entendimento sobre como as crianças aprendem, é papel do educador:

- Organizar intencionalmente o tempo e as experiências das crianças nele.
- Propor desafios.
- Garantir relações apoiadas na confiança e no respeito, desenvolvendo relações positivas recíprocas com as crianças.
- Organizar intencionalmente os espaços e materiais, garantindo um ambiente educativo.
- Proporcionar diversidade de experiências culturais.
- Observar o mundo do ponto de vista das crianças, encorajando-as em seus esforços e tentativas de comunicação.
- Garantir um ambiente psicológico seguro, que valorize as iniciativas das crianças.
- Estar atento às iniciativas das crianças, evitando impor ideias.
- Assumir uma abordagem de resolução de problemas frente aos conflitos interpessoais.

Nesse sentido, vale ressaltar que a forma como organizamos o espaço e os materiais para as vivências das crianças revela o jeito de ensinar e a maneira como elas estão sendo convidadas a aprender sobre o mundo e sobre si mesmas.

Partindo da concepção de que uma criança ativa aprende pela ação, interação e brincadeira, é preciso considerar e ter claro algumas premissas para orientar a organização dos ambientes, espaços e materiais oferecidos às crianças em seu dia a dia. A fim de estruturar um ambiente de aprendizagem ativa – que apoie as crianças em suas necessidades de ação, com uma variedade de materiais organizados de forma a garantir um ambiente físico convidativo – deve-se considerar alguns aspectos:

- Materiais e brinquedos ao alcance das crianças, de modo que encontrem o que necessitam por si só.
- Materiais e brinquedos organizados de forma consistente, personalizada e acessível às crianças, em número suficiente para um pequeno grupo de crianças brincar junto.
- Espaço que possibilite as escolhas e ofereça opções.
- Espaços com coisas novas para conhecer, ao mesmo tempo que tenha segurança no que encontrar.

- Poucos objetos para serem escolhidos e organizados de maneira clara, permitindo que as crianças encontrem o que quiserem e se concentrem na ação a partir disso.
- As crianças indicam aquilo que as interessa, as desafia, as frustra, oferecendo dicas para a disposição dos espaços e materiais de maneira que possam tomar suas decisões.
- Arrumar os espaços e materiais de forma que convidem a criança à interação e à comunicação.
- Organizar pequenas divisórias, favorecendo a interação em pequenos grupos, para que tenham maior qualidade em suas interações, explorações e comunicações.
- Espaços e materiais organizados em áreas de brincadeiras e de cuidados.
- Organizar ambientes, espaços e materiais de forma segura, acolhedora, limpa, motivadora, ou seja, criar um ambiente acolhedor e de bem-estar.
- A organização do espaço deve permitir que o adulto brinque junto com as crianças e que também observe suas ações.
- Agrupar os materiais em conjuntos considerando a mesma função e guardado em caixas de modo que permita às crianças verem se o que tem dentro as apoia em suas escolhas e na arrumação.

A relação entre aprender e ensinar é de interdependência, por isso a BNCC (2017), como veremos a seguir, coloca a criança no centro do processo educativo. Assim, garante-se que a aprendizagem e o desenvolvimento seja tanto da criança quanto do professor, transformando a ideia de uma prática e de um currículo centrado em conhecimentos e ações de ensino, focando na construção de experiências.

Evandro Tortora⁽¹⁾, professor de Educação Infantil, reflete a esse respeito: “Lembro que, no meu primeiro ano de trabalho após me formar, me incomodava muito quando levava uma atividade para a turma e as crianças pouco se interessavam. Me sentia frustrado como professor por não saber como “conseguir a atenção” das crianças. Até que, com o tempo, aprendi que planejar para as crianças é uma via de mão dupla: ao mesmo tempo que planejo, tenho de estar aberto às formas como as crianças são afetadas pelos nossos fazeres. Nesse movimento de idas e vindas, as crianças me ensinam a ser professor!”

1. TORTORA, E. Planejamento na Educação Infantil: como aliar a BNCC às vivências com as crianças? Nova Escola, 05 mar. 2020. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/18923/planejamento-na-educacao-infantil-como-aliar-a-bncc-a-experiencia-com-as-criancas>. Acesso em: 22 set. 2022.

4. A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

A Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças de seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem em uma situação de socialização estruturada.

As creches e pré-escolas têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades das crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens. Especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação – o ambiente escolar precisa atuar de maneira complementar à educação familiar. Valendo-se dessa ideia, a BNCC estabelece seis Direitos de Aprendizagem na Educação Infantil⁽²⁾ – que devem ser garantidos em todas as experiências educativas:

- **Conviver** com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito com relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- **Brincar** cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
- **Participar** ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
- **Explorar** movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
- **Expressar**, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.

- **Conhecer-se** e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.

4.1 As interações e brincadeiras

Interações e Brincadeiras são os eixos estruturantes das práticas pedagógicas da etapa da Educação Infantil. São experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização.

4.2 Os campos de experiências

Na Educação Infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se. Assim, a organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco Campos de Experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.

Segundo a BNCC, os Campos de Experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural. A definição e a denominação deles também se baseiam no que dispõem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) a respeito dos saberes e conhecimentos fundamentais a serem propiciados às crianças e associados às suas experiências.

Considerando esses saberes e conhecimentos, os Campos de Experiências em que se organiza a BNCC são:

- a. O eu, o outro e o nós – É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes e com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais.

Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos.

b. Corpo, gestos e movimentos – Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física. Na Educação Infantil, o corpo das crianças ganha centralidade, pois ele é o partícipe privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para a submissão. Assim, a instituição escolar precisa promover oportunidades ricas para que as crianças possam, sempre animadas pelo espírito lúdico e na interação com seus pares, explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo (tais como sentar com apoio, rastejar, engatinhar, escorregar, caminhar apoiando-se em berços, mesas e cordas, saltar, escalar, equilibrar-se, correr, dar cambalhotas, alongar-se etc.).

c. Traços, sons, cores e formas – Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências

diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. Portanto, a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas.

d. Escuta, fala, pensamento e imaginação – Desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem. As primeiras formas de interação do bebê são os movimentos do seu corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro. Progressivamente, as crianças vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de expressão e de compreensão, apropriando-se da língua materna – que se torna, pouco a pouco, seu veículo privilegiado de interação. Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social.

Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais, dos gêneros, suportes e portadores. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que

deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua.

e. Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações – As crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais. Desde muito pequenas, elas procuram se situar em diversos espaços (rua, bairro, cidade etc.) e tempos (dia e noite; hoje, ontem e amanhã etc.). Demonstrem também curiosidade sobre o mundo físico (seu próprio corpo, os fenômenos atmosféricos, os animais, as plantas, as transformações da natureza, os diferentes tipos de materiais e as possibilidades de sua manipulação etc.) e o mundo sociocultural (as relações de parentesco e sociais entre as pessoas que conhece; como vivem e em que trabalham essas pessoas; quais suas tradições e seus costumes; a diversidade entre elas etc.). Além disso, nessas experiências e em muitas outras, as crianças também se deparam, frequentemente, com conhecimentos matemáticos (contagem, ordenação, relações entre quantidades, dimensões, medidas, comparação de pesos e de comprimentos, avaliação de distâncias, reconhecimento de formas geométricas, conhecimento e reconhecimento de numerais cardinais e ordinais etc.) que igualmente aguçam a curiosidade. Portanto, a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e do sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano.

5. SOBRE UMA NOVA CONCEPÇÃO DE APRENDIZAGEM

Considerando essa introdução prévia é possível entender que a proposta em torno dos Campos de Experiências não se trata apenas de uma simples mudança de nomenclatura para visitar antigos conceitos. A abrangência desses conceitos propõe um novo olhar para a infância. As aprendizagens, as conquistas, as evoluções, as superações e o crescimento são alcançados a partir de um conjunto de experiências combinadas entre si que engloba a conexão entre todos os saberes de todas as ordens e naturezas, envolvendo corpo e intelecto em uma só experimentação.

Os conteúdos dão lugar às experiências que envolvem aparatos sensoriais e cognitivos para que a interação com o mundo e suas impressões tornem-se verdadeiras incursões na realidade cada vez mais próxima de suas vicissitudes, particularidades e singularidades. Desta forma, não forjamos aprendizagens que podem vir a constituir saberes esparsos, mas propomos vivências que se traduzem em histórias e, portanto, memórias corporais, sensoriais e cognitivas, por meio da construção de uma trajetória que pode deixar aprendizagens eternamente marcadas. Os mnemônicos, por exemplo, embora não possam ser resgatados de imediato, configuram verdadeiras narrativas que envolvem, capturam, identificam, caracterizam e constituem as crianças como cidadãos. Essa formação é levada para toda a vida, e engendra o ser humano nos valores mais nobres que a humanidade já constituiu.

Não se trata de explicar uma nova metodologia ou “modismo” – a proposta é a de engendrar um novo lugar de aprender. As crianças são convidadas a ocupar sua posição como protagonistas plenos e ativos, convocando todas as suas possibilidades de pensamento e expressão, interação e imaginação, criação e inventividade. Assim, potencialidades humanas que podem e devem surgir desde muito cedo para serem vivenciadas como modo de ser e estar no mundo, na relação consigo mesma, com o outro, com o entorno, com os fenômenos e todas as manifestações do mundo que as cerca.

Como afirma a BNCC⁽³⁾:

“Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores, e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social, não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola.

Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas.

Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. Ainda, é preciso acompanhar tanto essas práticas quanto as aprendizagens das crianças, realizando a observação da trajetória de cada criança e de todo o grupo – suas conquistas, avanços, possibilidades e aprendizagens. Por meio de diversos registros, feitos em diferentes momentos tanto pelos professores quanto pelas crianças (como relatórios, portfólios, fotografias, desenhos e textos), é possível evidenciar a progressão ocorrida durante o período observado, sem intenção de seleção, promoção ou classificação de crianças em “aptas” e “não aptas”, “prontas” ou “não prontas”, “maduras” ou “imaturas”. Trata-se de reunir elementos para reorganizar tempos, espaços e situações que garantam os direitos de aprendizagem de todas as crianças.”

6. A BNCC, O NOVO ARRANJO CURRICULAR E AS PROPOSTAS NA ESCOLA

A partir destes pressupostos é inevitável pensar que um novo arranjo curricular se dê, portanto, nas possibilidades de “revisar”, rever, reavaliar, retomar, refletir e revigorar um novo jeito de fazer a escola acontecer na prática.

A concepção de Campo de Experiências, fundada por John Dewey, agrega dimensões fundamentais de sua obra e considera a intenção e a continuidade nas ações escolares como promotoras do desenvolvimento do indivíduo, em um contexto que conecta a experiência pessoal de cada criança com as aprendizagens envolvidas. Segundo Dewey, nós não aprendemos pela experiência, mas refletindo sobre a experiência.

É neste importante lugar que a escola é convidada a atuar, de modo que as crianças sejam convidadas a tomar parte em experiências relevantes e interatuar com estas, de todas as maneiras, com todas as suas possibilidades de interação, como já dito anteriormente.

O planejamento curricular, que considera a experiência o centro de suas tomadas de decisões, propõe ao professor considerar a experiência de cada um e de todos ao mesmo tempo. Desse modo, promove contextos em que tais experiências possam ser comunicadas, compartilhadas com os próprios professores e as demais crianças, promovendo um movimento entre o singular e o grupo, entre a dimensão individual e a pública e coletiva, que caracteriza o contexto escolar. Assim, oportunizamos nesse movimento a construção de conhecimento a partir da intenção dos encontros; das nuances das hipóteses provisórias; da proposição das confrontações e negociações entre as ideias e as teorizações das crianças a partir de suas experiências.

Nos Campos de Experiências o professor é considerado aquele que dá voz ao grupo por meio de um processo de escuta e da relação respaldada na metodologia de um processo intenso de documentação (por meio de fotos, anotações em suportes variados, fragmentos de discursos, memória de narrativas e percursos vividos que foram por eles testemunhados) e de uma didática participativa. É o professor que:

- Media e oferece ferramentas e contextos.
- Observa, escuta, atualiza, interpreta, reformula, relança, ressignifica, sistematiza e retoma os processos vividos individual ou coletivamente pelas crianças.
- Recai em uma reflexão sobre como apoiar cada criança e o grupo em suas aprendizagens, garantindo assim seus direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.

A escuta e a documentação têm um papel fundamental neste processo de “dar voz à criança”, pois apoiam os educadores nas experiências importantes de serem garantidas no desenvolvimento pelo qual as escolas atuam de

apoiar as crianças a terem novas vivências.

Nesse sentido, falamos de garantir ações em todos os Campos de Experiências em seus cruzamentos encontrados de fato nas vivências da vida tal como ela acontece. Assim, a experiência se dá de modo real e se concretiza na aprendizagem vivida, não apenas engendrada em situações planejadas e artificialmente determinadas. É nesse contexto que podemos propor às crianças que se lancem nos Campos de Experiências descobrindo, explorando e vivenciando corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; os espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Vale dizer que a documentação tão presente neste novo modo de engendrar a escola implica retomar as experiências e interpretar os sentidos que as crianças constroem sobre o mundo a sua volta e sobre si mesmas, descobrir suas curiosidades e interesses. Desta forma, envolve-se as crianças como coprotagonistas na organização dos contextos de aprendizagem, que oportunizam novas e outras aprendizagens a partir da reflexão de suas experiências.

7. O PROJETO A VOZ E A VEZ DA CRIANÇA

7.1 Premissas

Quando tomamos tais pressupostos como premissas para uma nova forma de engendrar a escola, é necessária a reflexão sobre a maneira em que a criança poderá experimentar estas experiências: as interações com todos os sentidos e sensações das possibilidades da infância por meio das múltiplas linguagens das artes. Nesse sentido, é importante pensar nos aspectos do desenvolvimento infantil e dos recursos envolvidos nas capacidades infantis implícitas de se relacionarem consigo mesmas, com o outro e com o entorno.

Foi elaborado, portanto, um projeto em que, tendo as experiências como centro, convida as crianças a entrarem em contato com todas as formas da expressão humana e suas modalidades traduzidas na linguagem das artes, propondo que essa interação ocorra na relação direta com obras de arte já produzidas pela humanidade a partir das mais prováveis e improváveis convivências. Isso visa mobilizar aspectos amplos, variados, imaginados

ou inusitados, previstos ou surpreendentes, criativos e sofisticados – em que, por meio de todos os sentidos do corpo e do pensamento, possam ser convidadas a inserir-se nas próprias experiências, vividas por si mesmas ou com seus pares. O projeto *A voz e a vez da criança*, assim, providencia um verdadeiro mosaico de sensações, interpretações, criações e recriações, tendo como base referências reais e objetivas do universo das multilinguagens das artes.

O projeto apresenta, desta forma, um material que promove a interação direta com as múltiplas linguagens das artes na relação com obras de arte cuidadosamente selecionadas a partir de grandes temas de relevância para a história da humanidade, a partir das quais muitas propostas e experiências são sugeridas no Livro do Professor, que incentiva, convida, provoca, propõe, sugere uma relação ativa e atuante com as modalidades de expressão humana que denotam experiências sensíveis e criativas. O ponto de partida é a própria obra de arte, para que ela atue como disparador de novas possibilidades criadoras, autênticas, genuínas e autorais entre as crianças, as obras de arte, os artistas e suas manifestações, e as experiências possíveis de serem desdobradas. Experiências de modo inédito e singular, como podem ser as experiências humanas instigadas pelas linguagens criativas e expressivas de um universo imaginário, sensível, subjetivo, inovador, criativo, inventivo; enfim, retrato das manifestações de experiências singulares que geram outras experiências singulares.

7.2 Características

7.2.1 Objetivo

O projeto traz como principal intenção promover as experiências das crianças, da forma como foi aqui concebida: a partir da interação do livre brincar e interagir com as experiências dos artistas e suas obras, nas múltiplas linguagens das artes que potencializam a manifestação mais evidente da criação, da imaginação e da inventividade em suas formas de interpretação, seja individual ou coletiva, pessoal ou compartilhada, sempre guiada pelo olhar e escuta atenta do professor mediador e a partir das orientações cuidadosamente planejadas pelo Livro do Professor. Os alunos são colocados como protagonistas de seus próprios aprendizados, sempre incentivando a imaginação. O objetivo é fazer a voz da criança ecoar e, assim, emocionar a todos com as produções que nascerão dos elementos

artísticos desta coleção.

Entendemos que novas e múltiplas linguagens das crianças podem ser originadas desse encontro potente com o enlace entre as manifestações de criatividade artística, que é justamente onde a expressão humana encontra também um de seus mais significativos referenciais de criação e liberdade, a partir do livre pensar, livre criar, livre experimentar, livre manifestar, livre expressar. Acreditamos, portanto, que deste encontro entre infância e obra de arte podem surgir pontos de partida para que as crianças possam interatuar justamente com a manifestação da experiência de outrem e de suas próprias, de modo que as propostas sugeridas no material do projeto – que podem sempre ser adaptadas – gerem a reflexão destas experiências para que os novos aprendizados ocorram e as vozes mais originais tenham vez.

7.2.2 Temas

O projeto escolheu 25 grandes temas de relevância para a faixa etária e para as grandes referências construídas pela história que encontram importância e interesse para a infância. São 5 temas para cada faixa etária, sempre englobando, de maneira transdisciplinar, os objetivos propostos pela BNCC.

7.2.3 Público-alvo

O projeto tem como público-alvo os educadores (coordenadores, professores) que atuam no segmento de Educação infantil, organizados nas faixas etárias de 0 a 2 anos, 2 a 3 anos, 3 a 4 anos, 4 a 5 anos e 5 a 6 anos.

7.2.4 Componentes

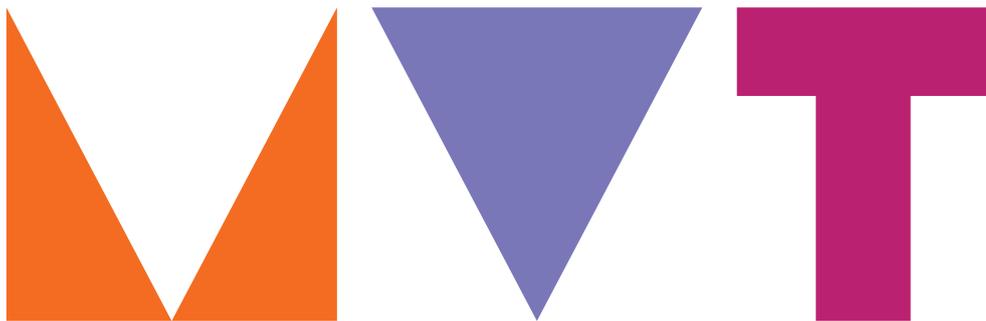
Para o aluno:

- **1 caderno do aluno** relacionado ao grande tema em questão, com intervenções gráficas e plásticas elaboradas por ilustradores e artistas profissionais, com as quais as crianças podem interagir por meio de pinturas, desenhos, colagens, carimbos e outras possibilidades a serem descobertas ao longo do percurso do projeto.
- **1 guia com QR codes** e descritivo de todas as obras de arte, envolvendo as seguintes linguagens da arte: cinema, teatro, dança, contação de história, artes plásticas e gráficas. Cada obra foca diretamente as cinco sequências didáticas do Livro do Professor, com sugestões de atividades.

- **5 pranchas** com obras de artes plásticas, gráficas ou fotografia (relacionadas ao grande tema em questão e que focam diretamente nas cinco sequências didáticas).
- **1 livro de literatura** relacionado ao grande tema em questão e que foca diretamente nas cinco sequências didáticas.
- **1 livro da família** que apresenta um novo modo de darmos a voz e a vez às crianças, de maneira a subsidiar fora da escola o acesso e a interação com todos os outros componentes, ampliando o alcance do projeto.

Para o professor:

- **Todo o material do aluno.**
 - **1 livro do professor** contendo cinco sequências didáticas por faixa etária, que enfocam as obras de arte selecionadas para cada agrupamento etário e incluindo sugestões de atividades disparadoras com todos os demais componentes do programa, relacionadas ao grande tema em questão.
- O projeto *A voz e a vez da criança* acredita que esses componentes, unidos ao treinamento em ação direta com os professores, pode alcançar os Objetivos de Aprendizagem distribuídos ao longo do segmento da Educação Infantil. Favorecemos um novo jeito de fazer a escola, com o apoio dos professores, ao trazer um repertório ampliado, renovado e inusitado para os educadores e uma forma sensível para uma escuta de qualidade provocadora de novas experiências para as crianças.



EDUCAÇÃO

Trabalhamos com projetos educacionais que apoiam os professores no dia a dia da sala de aula, desde a educação infantil até o ensino médio. Educação financeira, ciências, literatura, matemática, desenvolvimento cognitivo são alguns dos assuntos que exploramos em nossos conteúdos.

Confira nosso site ou entre em contato para saber mais.

t.: +55 (11) 4193-2277

c.: +55(11) 99139-6143

Rua Pais Leme, 215 | Cj. 3001 | Pinheiros

São Paulo-SP | CEP: 05424-150

atendimento@mveducacao.com.br

www.mveducacao.com.br